

II - ÉTICA E POLÍTICA

Por: Clarides Henrich de Barba

Professor do Departamento de Filosofia/UNIR

INTRODUÇÃO

Ética e Política de certo modo estão vinculadas entre si. Ao se definir a Ética como "teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade" (VÁZQUEZ, A. S. Ética, p.12), podemos também ver que *"a política abrange a conservar a ordem social existente, onde os indivíduos deferem os interesses comuns do grupo social respectivo..."* (VÁZQUEZ, A. S., Ética, p. 76-7).

Ao elaborar esta monografia, proponho apresentar o pensamento de Maquiavel acerca da Ética e Política e o que esta representa para a sociedade política e filosófica. Sem dúvida, o "Príncipe", como manual de conselhos, não foi esquecido, sobretudo pelos políticos atuais, que ainda o lêem.

Deste modo, o trabalho segue o método analítico-reflexivo, tendo como metodologia a "Revisão de Literatura", abrangendo então, dois capítulos, sendo que no primeiro aborda-se a questão política do governo do Estado pelo Príncipe, onde a organização política deste Estado é peça primordial para formar um bom governo. Portanto, a "Virtù" é necessária e é preponderante sobre a fortuna.

No segundo capítulo, a questão "Ética" é vista como vinculada à Política, apenas quando ela "servir" à Política. Esta é uma atividade autônoma e é preponderante, no entender de Maquiavel, para alcançar os objetivos de "manter-se no poder".

Contudo, pretendo apresentar a problemática deste trabalho: "O que o pensamento de Maquiavel em relação à Ética e a Política podem significar hoje?" "Será que os "meios maquiavélicos", ainda estão presentes em muitos políticos hoje?" E ainda: "Kant pode ser superior em relação à Ética e à Política do que Maquiavel?"

Deste modo, pela análise crítica e filosófica, o pensamento de Maquiavel pode representar neste trabalho uma contribuição às questões ética e política, que podem ser analisadas sob o prisma filosófico no pensamento atual. Assim, a relação da ética e da política, ainda continuam a refletir a problemática atual que mais reflete no atuar dos políticos: O que a Ética pode representar como norma a conduzir as ações e práticas políticas?

É esta a finalidade deste.

CAPÍTULO I

MAQUIAVEL: A QUESTÃO POLÍTICA E O GOVERNO DO ESTADO PELO PRÍNCIPE

"É necessário a um Príncipe para se manter, que aprenda a ser mau"

(Maquiavel)

O pensamento e as idéias de Maquiavel, representaram à época da Renascença um início crítico e substancial à Política. É ele o primeiro defensor da autonomia da esfera política em relação a todas as outras e em particular às esferas da moral e da religião.

Como entender a questão política em Maquiavel?

1.1 - Política

Batista Mondin, assim nos diz:

"Maquiavel, inspirando-se essencialmente na lição das coisas, proclama que a política não é nem a moral, nem a negação da moral, mas uma força positiva, impossível de ser eliminada do mundo, como qualquer outra força da natureza que contribui para sustentar e fazer andar o mundo. Enquanto força positiva, não redutível à negatividade do mal, mas ao mesmo tempo não identificável, pela invencível resistência das coisas a tal identificação, com a moralidade, ela está por si só; é com efeito, uma forma particular de atividade espiritual. A política é a força do mundo do espírito, da força "crua" como se dirá mais tarde - que, como força espiritual, não se pode ser senão força consciente, ou seja, vontade forte, sólida, coerente, dirigida resolutamente ao fim. O homem político digno desse nome é dotado dessa força, dessa vontade, sem a qual não estará em condições nem de fundar, nem de manter o Estado. Este é o escopo de sua ação, e para consegui-lo, ele calcula a utilidade de todos os meios disponíveis na situação, mantendo fixo o olhar à realidade efetiva, livre de preconceitos e escrúpulos até morais; pronto, porém, a desfrutar, conforme seja o caso, quer dizer, onde isto seja útil é necessário, as preocupações, crenças e escrúpulos alheios".¹

Maquiavel estrutura a nível de idéias sua preocupação política que um Estado deve ter e assim o objeto de suas reflexões é a "realidade política", pensada em termos de prática humana concreta, e o centro maior de seu interesse é o fenômeno do poder

¹ MONDIN, Batista. O Problema Político e Social. In: _____. Introdução à Filosofia. P.122.

formalizado na instituição do Estado.

Vejamos que o Estado é a peça chave da organização política, onde o mesmo não tem mais a função de assegurar a felicidade e a virtude, já como bem considerava Aristóteles.

É no entender de Maquiavel que o Estado passa a ter as suas próprias leis. No seu entender, a política é parte do método de investigação empírica, onde observa que a experiência jamais engana; os fatos são comprováveis a partir de uma realidade experimentável. Ele, se propõe a estudar a sociedade pela análise da verdade efetiva dos fatos humanos, sem perder-se em vãs especulações.

Neste exame analítico, o Estado, para Maquiavel, é necessário conservá-lo, reforçá-lo, pois só há uma única finalidade: sua prosperidade e sua grandeza.

Acentua-se em Maquiavel a problemática: "Como fazer reinar a ordem, como instaurar um Estado estável?" O problema central de sua análise política é descobrir como pode ser resolvido o inevitável ciclo de estabilidade e de caos.

Weffort (1991) aborda esta questão e nos diz:

"Ao formular e buscar resolver esta questão, Maquiavel provoca uma ruptura como o saber repetido pelos séculos. Trata-se de uma indignação sobre o pensar e fazer política, que põe fim à idéia de uma ordem natural, nem a materialização de uma vontade extraterrena, e tampouco resulta do jogo de dados do acaso. Ao contrário, a ordem tem um imperativo: deve ser construída pelo homens para se evitar o caos e a barbárie, e, uma vez alcançada, ela não será definitiva, pois há sempre, um germe, o seu trabalho em negativo, isto é, a ameaça de que seja desfeita".²

É necessário, contudo considerar que a questão política em Maquiavel é tão necessária como para nós o alimento. Com essa necessidade de fazer política, vemos claramente que esta é o resultado de feixes de forças, provenientes das ações concretas dos homens em sociedade, ainda que nem todas as suas facetas venham do reino da racionalidade e sejam de imediato reconhecíveis.

Com Maquiavel, sentimos que o poder emana da relação política se constitui num espaço que é regido por mecanismos distintos dos que norteiam a vida privada.

Segundo, ainda Weffort (1991):

"Este poder político tem, pois, uma origem mundana. Nasce na própria "malignidade" que é intrínseca à natureza humana. Além disso, o poder aparece com a única possibilidade de enfrentar o conflito, ainda que qualquer forma de "domesticação" seja precária e transitória".³

Como entender o significado do "Estado" em Maquiavel? Ora, ele via o Estado como um organismo de poder, governável à nação.

Mondin (1981) ao citar Maquiavel, assim diz:

² WEFFORT, Francisco C. Nicolau Maquiavel: O Cidadão Sem Fortuna, o Intelectual de Virtù. In: _____. Os Clássicos da Política. Vol. 1, p.18.

³ Idem, p.20.

"Segundo Maquiavel, o remédio mais eficaz contra a corrupção humana - porque condiciona a eficácia de todos os outros - é o Estado. E deve-se entender o Estado, antes de tudo, não tanto quanto como força, como poder de mando e de coerção, como vontade dominadora que se impõe mais pelo amor, sem ou quase sem consideração pelos valores de ordem superior, graças aos quais o poder político se justifica. Os Estados são criados, todavia, pela "virtude" de poucos homens superiores, virtude que é, ao mesmo tempo, sabedoria capaz de execução que, empregando qualquer meio, sabe traduzir esta ordem em formas concretas, em instituições úteis e vitais...

...Os Estados são, pois, considerados por Maquiavel como organismos vivos, cuja vitalidade e duração serão tanto maiores quanto mais sólida for a sua estrutura e quanto maior for a virtude cívica dos cidadãos".⁴

E este organismo vivo, o Estado, só tem sentido dentro de uma linha política. A isso, é necessário entender o papel do governo bem representado, o que, para Maquiavel, é o Príncipe.

1.2 - O Governo do Estado pelo Príncipe: Virtù x Fortuna

Todavia, qual fosse o tipo de Estado, Maquiavel estava convicto de que os fundamentos do governo descansavam sobre boas leis e boas armas. Assim, o Estado deveria ser defendido de forma adequada por um exército nacional e consequentemente, a arte que o Príncipe deveria dominar seria a "da guerra" - e não a da política. A destreza nesta arte é fundamental ao Príncipe.

Com isso, o Príncipe deve ser cruel ou piedoso? Liberal ou miserável? Deve ser amado ou temido? Sobretudo ele deve conduzir um povo à formação do novo Estado, e o desenvolvimento é conduzido com rigor lógico. Mas, o Príncipe que esperar gratidão por ter sido bondoso com seus súditos, pelo contrário será derrotado: "Quem se torna um Príncipe mediante o favor do povo deve manter-se seu amigo, o que é muito fácil, uma vez que este deseja ser oprimido" (O Príncipe, cap. IX, p.40)

O que deve-se entender é que a virtù predomina sobre a fortuna, onde a liberdade do homem é capaz de amortecer o poder incontestável da Fortuna. Assim, é que não se trata mais apenas da força bruta, da violência, mas da sabedoria do uso da força, da utilização virtuosa da força. O governante não é, pois, simplesmente o mais forte - já que este tem condições de conquistas, mas não de se manter no poder mas sobretudo o que demonstra possuir virtù, sendo assim capaz de manter o domínio adquirido e o respeito do povo.

Ressalta-se em Maquiavel que o mais necessário para se manter no poder é a Virtù, embora a força às vezes torna-se necessária, principalmente se o Príncipe não possuir a fortuna. Portanto, o Príncipe deve atrair para si, a fama, a honra, a glória do seu povo.

Chavallier (1982) assim ressalta o Príncipe:

"Maquiavel vê que a razão primeira e última da política de um Príncipe, sobretudo de um Príncipe novo, é o emprego das suas forças, ou seja, a

⁴ MONDIN, B. Os Filósofos da Renascença. In: _____. Curso de Filosofia - Vol.2, p.10.

guerra. Deve a guerra, com as instituições e as regras que lhe dizem respeito, ocupar todos os pensamentos. É ela a verdadeira profissão de qualquer governante. Quem despreza a arte guerreira busca a sua própria ruína...¹⁵

Essa força, a Virtù a que Maquiavel vê no Príncipe, deve estar rodeada de boas armas que acompanham as boas leis: "Ai dos príncipes desarmados, ai também dos profetas desarmados".

Portanto, Maquiavel acha que um Príncipe poderia subsistir exercendo as artes da diplomacia e da guerra - as duas ciências que conheceu de perto, e são a preponderância na Itália da época.

No Guia de Estudos do Curso de Introdução à Ciência Política, o autor assim aborda esta questão:

"A missão do Príncipe é extirpar a corrupção, utilizando-se para tanto da corrupção. Maquiavel não nega a existência e admirabilidade das qualidades boas e convencionais e confessa mesmo que elas podem ser desejáveis num governante (e sem dúvida, na sua vida privada), mas elas não devem afetar as suas ações políticas..."¹⁶

Pode-se dizer, então, que o Príncipe é o modelo de governo da "Virtù" que sobrepõe a fortuna, para exercer o poder da nação.

CAPÍTULO II

A ÉTICA EM MAQUIAVEL: BREVE ANÁLISE E SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA DOS DIAS ATUAIS

2.1 - Ética

Gruppi (1980) faz a seguinte citação em relação à moral:

"Maquiavel não se ocupa de moral, ele trata a política e estuda as leis específicas da política, começa a fundamentar a ciência política. Na verdade - como observou Hegel e, posteriormente, fizeram-no De Sanctis e Gramsci - Maquiavel funda uma nova moral que é a do cidadão, do homem que contrói o Estado; uma moral imanente, mundana, que vive do relacionamento entre homens. Não é mais a moral da alma individual, que deveria apresentar-se ao julgamento divino "formosa" e "limpa".⁷

⁵ CHEVALLIER, Jean-Jacques. História do Pensamento Político. p.273.

⁶ CURSO de Introdução à Ciência Política. UNB., p. 27.

⁷ GRUPPI, L. Tudo Começou com Maquiavel. p.11.

Com estas palavras iniciais, pode-se situar a questão ética em Maquiavel como puramente uma "ética política", ou seja, visando fins políticos, à procura de meios que possam corresponder às ações práticas e eficazes em relação à política.

Embora entre as qualidades que um Príncipe deve ter: ser bom, honesto, liberal, cumpridor de suas promessas, ainda remetem ao próprio Príncipe que deseje se manter no poder outros defeitos "impróprios", mas indispensáveis para salvar o "Estado".

Weffort, autor já citado, nos diz sobre isto:

"Um príncipe sábio deve guiar-se pela necessidade - apreender os meios de não ser bom e a fazer uso ou não deles, conforme as necessidades". Assim a qualidade exigida do príncipe que deseja se manter no poder é sobretudo a sabedoria de agir conforme as circunstâncias. Devendo, contudo aparentar possuir as qualidades valorizadas pelos governados. O jogo entre a aparência e a essência sobrepõem-se à distinção tradicional entre as virtudes e vícios. A Virtù política exige também os vícios, assim como exige o reenquadramento da força. O agir virtuoso é um agir como homem e como animal. Resulta de astuciosa combinação da virilidade e da natureza animal.

"...Os meios para isso nunca deixarão de ser julgados honrados, e todos aplaudirão!"⁸

Maquiavel preocupa-se em apresentar uma ética necessária para que o "Príncipe" possa desfrutá-la em benefício do Estado, e assim armazenar a confiança dos seus súditos.

Contudo, não há um bem absoluto, nem um mal incontrolável, pois ambos não têm sentido na vida política, se forem dissociados. É aí que, na transformação da vida política, os homens "excelentes" podem mais facilmente atingir o poder, dada a condição imanente que estes possuem.

Percebe-se, no entanto, que Maquiavel não se preocupa com a moral em si, apenas com a política. Na incompatibilidade entre a moralidade e a política, vemos que por um lado, temos a questão dos valores supremos procurados pela qualidade própria, uma identificação de valores que é a única que nos permite falar de crimes ou justificar e condenar moralmente qualquer coisa e, por outro lado, temos a política, ou seja, a arte de adaptar os meios aos fins, a região das habilidades técnicas. "E que os fins justificam os meios"; ou seja: "se queres enganar um amigo, matar um inocente, para atingir tal propósito em busca de poder, tudo é válido..."

Podemos ressaltar o seguinte trecho de Berlin:

"A política é a arte de viver numa polis, não é uma atividade que possa ser dispensada por aqueles que preferem a vida privada: não é algo como o "iatismo ou a escultura", que não precisam ser empreendidos por quem não está interessado. A conduta política é parte intrínseca da possibilidade de um ser humano em um determinado estágio da civilização e o que exige é intrínseco ao poder viver uma vida humana bem sucedida. A ética assim concebida, como código de conduta ou ideal para o indivíduo, não pode ser conhecida por este a não ser que entenda a finalidade do caráter de sua "polis", da qual é menos capaz de se divorciar, mesmo que seja em

⁸ Op. cit, p.23-4

pensamento...⁹

Em Maquiavel, sua moral não é individual, mas social, tendo sempre como fundamento a política, mas o Príncipe deve escolher os meios para atingir os seus objetivos, muitas vezes "não tanto éticos"... Mas, se a moral tem uma relação com a conduta humana, se os homens são sociais por natureza, a moralidade cristã não pode servir de guia para uma existência social normal.

Portanto, Maquiavel ressalta a sua atividade prática com o Príncipe: para contentar a todos os seus súditos e manter-se no poder, é necessário ser um homem da "Virtù".

2.2 - O significado do pensamento de Maquiavel em relação à ética e a política para os dias atuais.

A política é uma técnica, uma obra de arte do Príncipe, que deve realizar a unificação e a reorganização do Estado. Ela serve o Estado. Maquiavel, desliga a política da moral, pois ela é autônoma, enquanto a ética está subordinada à política.

A conduta do Príncipe justifica-se em atender o Estado, já a força justifica o direito: "O mal repele-se com o mal, a fraude com a fraude, a violência com a violência, a traição com a traição".

O texto de Fraille (1965) é significativo:

"La buena política debe poner por encima de todo el interés del Estado. El interés del príncipe se identifica con el del Estado, y viceversa. Lá última y suprema razón del Estado es su propio interés.

...Todo, individuos, familia, leyes, moral y religion, debe subordinarse al interés supremo del Estado".¹⁰

Assim, perguntamos: Qual o significado do pensamento de Maquiavel em relação à ética e à política aos dias atuais? Ora, parece que vemos é uma transformação dos discursos e práticas políticas em fins "maquiavélicos", isto é, onde todas as ações visam atingir o poder (seu fim último). Para isso, os artifícios são inúmeros, desde roubos, mentiras, desvio de verbas ou até a morte, são considerados como meios "lícitos" e válidos ao alcance do almejado poder.

Portanto, a ética não possui nenhum valor, pois, sendo tudo válido, qual o sentido dela existir?

A diferença é que no entender de Maquiavel, a política é a "serva" do Estado, enquanto que muitos políticos de hoje visam o poder para benefício e empregam meios "maquiavélicos" para obter o seu fim último: o poder.

Entretanto, a Virtù é necessária ao Príncipe, assim como a fortuna, porém os que hoje almejam o poder, ainda não entenderam que Maquiavel considerava a política com o objetivo de ajudar ao Estado crescer, embora que utiliza-se de meios ilícitos, e que a ética também era válida com a finalidade de servir a política...

Se os fins justificam os meios, portanto, Maquiavel deve, ainda influenciar muitos políticos, que transformam suas ações e discursos políticos como meios "astutos" para almejar o poder.

⁹ BERLIN, Isaiah. O Problema de Maquiavel. p.122. In: Curso de Introdução à Ciência Política. UNB, 1982.

¹⁰ FRAILLE, G. Nicolás Maquiavelo. In: _____. História della Filosofia. Vol.3, p.303-4.

CONCLUSÃO

Maquiavel ensina, ainda, que a energia criadora de uma sociedade livre, não é dádiva dos heróis fundadores ou dos políticos da virtú. É assim que os conflitos sociais são necessários, porque são próprios à natureza mesma da liberdade.

A obra de Maquiavel ainda continua a influenciar muitos políticos, mas muitas vezes ela não é tão "Ética" assim.

Com Kant podemos entender melhor esta problemática:

*"O único bem em si mesmo, sem restrição, é uma boa vontade. A bondade de uma ação não se deve procurar em si mesma, mas na vontade com que se fez. Mas quando é que uma vontade é boa, ou como uma boa vontade age ou quer? É boa a vontade que age por puro respeito ao dever, sem razões outras a não ser o cumprimento do dever ou a sujeição à lei moral."*¹¹

Maquiavel, como foi visto neste trabalho, preocupa-se em apresentar a política como necessária aos fins do Estado, e a Ética sua "serva". Com Kant é que o imperativo categórico toma forma com o dever, este caracterizado pela boa vontade em suas ações.

Portanto, Maquiavel, descortina um horizonte para se fazer política que não se enquadra no tradicional "moralismo piedoso" camuflado na época medieval cristã.

É como o próprio Maquiavel nos diz no final de sua obra "O Príncipe": "Virtù contro a furore, Prenderà l'arme; e fia il combatter corto; Ché l'antico valore Nelli italici cor non è ancor morto." ("A virtude tomará armas contra o furor e será breve o combate, pois o antigo valor ainda não está morto nos corações italianos").

Concluimos que a "Ética e a Política em Maquiavel representam necessárias ao Príncipe para que o mesmo mantenha-se no poder e aja de tal modo que o Estado torne-se protegido das ações inimigas. A influência do pensamento de Maquiavel continua ainda hoje a refletir nos ideais políticos que almejam o poder. Contudo o pensamento de Maquiavel em relação à Ética não é tão significativo como o pensamento de Kant que não vê, como Maquiavel que "os fins justificam os meios", e neste ponto tudo é válido para que o "Príncipe mantenha-se no poder."

¹¹ VÁZQUEZ, A. S. Ética. p.249-50.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Lília da R. et alii. Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

BRUGGER, Walter. Dicionário de Filosofia. 4ª ed., SP: E.P.U. 1987.

CARVALHO, Eide M. Murta. O Pensamento Vivo em Maquiavel. São Paulo, Martin Claret Editores, 1986., nº 11.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. O Estado e a Moral: Maquiavel. In _____. História do Pensamento Político - Da cidade-Estado ao apogeu do Estado-Nação Monárquico. RJ: Guanabara, 1982, tomo 1, livro III, cap. 1, p. 257-84.

CURSO de Introdução à Ciência Política. - Maquiavel - O Príncipe Estudos. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

FRAILLE, Guillermo. Nicolas Maquiavello. In _____. História Della Filosofia. Madrid: B.A.C., 1985, p. 298-305.

GRAMSCI, Antonio. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GRUPPI, Luciano. Tudo Começou com Maquiavel - As Concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci. Porto Alegre: L&PM, Editores, 1980.

HISTÓRIA do Pensamento. Renascimento e Filosofia Moderna. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p.221-32, Rev. Quinzenal.

MAQUIAVEL. Nicolau. O Príncipe. 4ª ed., São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Col. Os Pensadores).

MONDIN, Batista. Curso de Filosofia - Os Filósofos do Ocidente, 3ª ed., São Paulo: Paulinas, 1986, Vol. 2, p. 9-11.

_____. O Problema Político e Social. In _____. Introdução à Filosofia - Problemas, sistemas, autores, obras. 5ª ed., São Paulo: Paulinas, 1980, p. 120-7.

SADEK, Maria. Nicolau Maquiavel: O Cidadão sem Fortuna, o Intelectual de Virtù. In: WEFFORT, Francisco C. (org.) Os Clássicos da Política. SP: Ática, 1991, 1º Vol., p.11-50.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. 9ª ed., São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.